

A HORA DA CHINA

HÉLGIO H. TRINDADE (vo?)

20/10/57

Gustavo Corção

Abra o mapa da China, leitor, e considere a imensidão desse país junto ao qual o nosso fica pequeno. Observe depois sua forma regular, maciça, compacta, e note que todos os grandes rios correm com uniforme direcção para o litoral convexo, relativamente exíguo, que parece um ventre aos nove meses de gravidez. A China é grande e redonda. É um mundo.

Nas primeiras páginas de sua História da França, Michelet diz que no princípio a história é geografia. Mais tarde, e com maior copia de razões científicas, Townbee explicará a lentidão da marcha asiática pela predominância das terras e dos transportes terrestres sobre os mares e a navegação. Realmente, tudo parece indicar que o surto de progresso do mundo ocidental em boa medida se deve à navegação. Embora seja bipede e terrestre, foi no mar que o homem se espalhou, e foi com as caravelas, ao mar e ao vento, que o homem afirmou o senhorio do mundo. Desde a antiguidade, e durante a idade média, a história da civilização ocidental transcorre numa espécie de anfiteatro de povos em torno do Mediterrâneo. Na Renascença a Europa se abre. Há uma extrema inversão, digamos uma explosão. A forma fechada e nuclear da antiga civilização se mudou em forma estrelada. De cêntrica e mediterrânea, a civilização se torna convexa e atlântica. De Florença desloca-se para Antuérpia a primazia comercial.

Examinando o mapa-mundo e pensando nos últimos dois mil anos de história, somos levados a crer numa correlação entre os feitos dos povos e a forma dos territórios. É nos países de desenhos irregulares, de saliências e reentrâncias, de penínsulas e golfos, que surgem as grandes iniciativas. A Grécia é uma palma de mão aberta sobre o Egeu; a Itália é a bota de sete léguas de onde se alastrará o Império. Dir-se-ia que a terra assim configurada possui o poder das pontas. Dir-se-ia que dos cabos e das penínsulas saem os raios de iniciativas que irão fecundar os golfos. Comparemos os desenhos da Europa com os contornos da África e da Ásia. E observemos o que acontece no novo mundo quando a Europa transbordou. É ainda na América do Norte, mais recortada, mais irregular, que o impeto europeu encontra o melhor terreno.

A América do Sul, com seu único promontório perdido nas neblinas do cabo Horn, será um continente de países subdesenvolvidos. É claro que há outros factores a considerar, mas não deves de ser estranha a constância da correlação. E quando voltarmos a imaginação para os dias longínquos em que o continente americano se povoou com tribus oriundas da Ásia, é lá ao norte, no rendilhado estreito de Bering, entre duas penínsulas, que ocorre o transbordamento dos povos asiáticos.

Ora, a China é maciça, regular, redonda. A China é imensamente terrestre. Daí talvez o seu atraso medido na cronometria europeia. Durante os séculos em que predominou a civilização marítima, que culminou com a apoteose imperial sustentada pela esquadra inglesa, a China esteve à mercê da exploração dos ávidos europeus. E esteve à mercê de sua orgulhosa protecção.

Mas os tempos passam. A grande iniciativa europeia se amortecce, o inicial handicap se faz menos sentir, e as próprias máquinas produzidas pela civilização ocidental, tornando fáceis as comunicações por terra e pelo ar, vêm oferecer oportunidades novas aos países atrasados. É em esse momento, quando só a hora da China, que lá desembarca aquele personagem candente e teórico que foi o Pe. Vicente Lebbe.

Como disse em artigo anterior,

o Pe. Lebbe parece ter a missão de corrigir sozinho os erros de séculos de uma civilização que oficializou os egoísmos e os abusos da força. Seu ideal supremo foi o de desvencilhar a preparação evangelica dos vínculos políticos, e o de estabelecer na China um episcopado chinês. Em quarenta e tantos anos de vida prodigiosa o Pe. Lebbe se multiplica. Começa muito modestamente por trabalhos e catequese num lugarejo do norte. A semente cresce. Os resultados se avolumam. E quando a gente pensa que a atividade do Pe. Lebbe já chegou a um ponto quase inadmissível, ela se duplica, se triplica.

Tudo na sua vida é marcado por uma estranha capacidade de multiplicar. Vejamos, por exemplo, aquela história tocante, que repete a do bom samaritano. O Pe. Lebbe encontra um pobre homem caído numa estrada. Salta da bicicleta e cuida dele. O homem vai se embora. Meses depois o Pe. Lebbe recebe uma carta contando que o homem, chegando em sua casa, converteu toda a aldeia e pede um padre. Do lugarejo insignificante passa o Pe. Lebbe para Tientsin, e aí se desdobra em novo tipo de atividade. Funda um centro de cultura, como o nosso Centro Dom Vital. Em poucos meses ocupa nove salas onde todos os dias faz conferências para os letrados. Escreve em jornais. Entra em contato com os poderosos, e atende a todos os humildes. Com seu amor pelos chineses, cria dificuldades com as autoridades francesas, e consequentemente com os seus superiores. Toda a organização burocratizada dos missionários europeus têm medo do Pe. Lebbe. Todos desejam vê-lo afastado. Vê-lo inutilizado. Os médicos não toleam a presença daquele homem de fogo que pretende levar até as últimas consequências os evangelhos e as epístolas paulinas. Conseguem puni-lo. Pe. Lebbe cometeu imprudência, num jornal de Tsen Tsin, e indispos se com o consul francês. É mandado para longe. Obedece, mas não se corrige da mania de pensar que os chineses são homens como os franceses e muito menos da mania de atender a todo o mundo. Onde ele chega, ainda que nenhum aparelho de propaganda o anuncie, começa logo uma efervescência como se realmente ele carregasse consigo um misterioso trovão de longo alcance; Lei Ming Yuan, trovão que canta ao longe. Recomeçam os casos, os incomodos, e os seus burocratizados superiores o enviam para mais longe ainda, para o sul, onde a língua é diferente e onde ainda não chegou o ribombo de seu coração.

O Pe. Lebbe obedece, mas não se corrige. Em sofrimentos cruciantes adapta-se e reaprende o idioma, e recomeça o incêndio das almas. O único jeito é devolvê-lo à Europa. Devolvem-no e suspiram aliviados, mas na Europa o Pe. Lebbe trabalha duas vezes mais, três vezes mais, pela causa dos estudantes chineses. Ajuda, ensina, faz campanhas para obter fundos, conta histórias do oriente, faz conferências. Passa dias sem comer e dias sem dormir. Quando o convidam para um jantar come como três, e todos se admiram porque tinham ouvido falar no seu ascetismo. Mas ele come por três dias. E também dormia em toda a parte justamente porque nunca dormia direito. Uma vez foi convidado para fazer uma conferência num colégio de religiosas e, tendo chegado com certo adiantamento, foi levado a um parlatório onde pediram que aguardasse a hora da conferência. Sentou-se e dormiu. Meia hora depois foi preciso sacudi-lo e jogar-lhe água na cabeça para que ele acordasse. Estremunhado, olhou em volta, perguntou em que país estava e qual era o tema anunciado para a conferência. Chegou a Roma o canto do trovão. É ouvido por um cardeal que agradece ao Pe. Lebbe sua exemplar

obediência e que lhe anuncia a próxima realização de seu ideal. Não só um bispo chinês será sagrado, mas seis.

— Foi a sua obediência que salvou tudo... que Deus abençoou...

E o Pe. Lebbe, sucumbido de emoção, só pôde gemer:

— Oh!...

Tra-ava-se agora de escolher os nomes dos padres chineses mais indicados para a dignidade episcopal. O cardeal Van Rossum pediu ao Pe. Lebbe um toco de lapis e escreve os nomes que ele dita: Chao, Ch'eng, Ch'en, Li... Mas a sua emoção é forte demais. Declara que devem existir outros, e inundado de lágrimas guarda como reliquia o toco de lapis.

A sagração dos bispos chineses estava marcada para 24 de outubro, festa de Cristo Rei. O papa transferiu-a para o dia 18, por diversos motivos, e sem saber que nesse dia completavam-se vinte e cinco anos de sacerdocio do Pe. Lebbe.

Volta para China e é designado para Kao-ki-chwang, e aí recomeça seu trabalho de catequese e de apostolado. Retoma a bicicleta, e estranha um esquisito cansaço nas pernas depois de trinta quilômetros. Não se lembra que tem sessenta anos. Retomando a idéia iniciada em Tsen Tsin, lança a Ação Católica. Funda um sem número de grupos como os tantos que por iniciativas diversas apareceram no mundo ocidental. A JUC, a AUC, a JFC, a JIC, e tantas outras siglas nossas conhecidas, surgem na China por iniciativa do Pe. Lebbe. Tem voz para letrados, para estudantes, e para camponeses. É tudo para todos. E para equilibrar e completar essa intensa atividade, funda um mosteiro para uma nova ordem de religiosos; Os irmãosinhos de João Batista, à semelhança do Père Foucauld na África. O Pe. Lebbe enche de Petits Frères a China. Funda depois uma casa religiosa para mulheres...

Em 18 de setembro de 1931 as tropas japonesas invadem a Mandchúria e então começa uma nova fase, uma incrível e fantástica maneira de envelhecer, na vida do Pe. Lebbe. Movimenta seus mais próximos fiéis e organiza o serviço de padrolas e de cruz vermelha. Está entre os soldados, animando, confortando, convertendo, batizando, e carregando os feridos. Nesse ponto da leitura, como já disse em outro artigo, a gente tem a impressão que o austero Cônego Jacques Leclercq, conhecido tratadista de Direito Natural, enlouqueceu. Sim, enlouqueceu e está tentando nos incutir, como verdadeira, uma história no gênero das do Barão de Munchhausen. É demais! E se o leitor quer ter uma idéia leia o livro impossível de resumir: *Vie du Père Lebbe*, Chanoine J. Leclercq, Casterman.

Ouví dizer que havia aqui perto um padre do Verbo Divino que estivera na China. Fui entrevistá-lo. Quando lhe falei no Pe. Lebbe o velhinho animou-se, brilharam-lhe os olhos, e disse: "Era um homem de fogo..."

Mas agora, irresistivelmente, nos vem uma idéia triste. De que valeu tudo isto? Parece que o Pe. Lebbe chegou atrasado e não conseguiu neutralizar quatro séculos de estupidéz e de orgulho europeu. Parece que sua obra perdeu-se. A China de hoje recebeu da Rússia uma influência aparentemente mais eficaz... Estava eu nesse desânimo quando li no livro do Cônego Leclercq esta simples frase: "Lembremo-nos, entretanto, que o comunismo não recebeu nenhuma promessa de eternidade..." É verdade. Temos de esperar. Durante os trezentos anos. As sementes do Pe. Lebbe hão de frutificar na hora que Deus marcou para a China, e quem sabe se não é daquele grande ventre amarelo que nascerá uma nova e grande civilização cristã?